1) A mostra “Estranho Mundo Próximo” abarca obras inspiradas em sua família, amigos, objetos e ídolos. Como surgiu o desejo de criar uma exposição cujo foco é tão íntimo de você?

O desejo surgiu naturalmente, dando continuidade ao que já vinha produzindo. O autorretrato foi a primeira pulsão que me motivou a pintar, e é uma constante até hoje, um exercício infinito. E nosso eu é talvez o mais íntimo e estranho mundo que exista para nós. Acredito que alguns fatores tenham contribuído para que esse conjunto de trabalhos se formasse e para que eu escolhesse esse título, "Estranho Mundo Próximo". A pintura é o assunto principal e por estar sempre presente em minha busca, é uma certeza e uma necessidade e sempre um mistério, um enigma, dessa forma, um estranho mundo próximo.

Já os retratados, os arquivos e objetos de família são o universo que me cerca. Pintando a tela que dá o título à exposição, retratei algumas crianças na praia com coletes salva vida, boias e objetos. Elas formam uma fila, um ritmo, e não se tocam e meu filho aparece retratado duas vezes nessa fila. Ou seja, é uma colagem de figuras sobre a paisagem da infância, a praia, e não um registro do que aconteceu. Formar a minha família, observar meus filhos crescerem e se depararem com o mundo, com os questionamentos, com as descobertas e medos incitou novos questionamentos em mim e consequentemente novas imagens. Ao mesmo tempo, fotografias de família, descobrir que meu filho se parece com meu pai quando criança, através das fotos que restaram e chegaram a mim; A morte de meu pai e todo o acervo que ele como artista deixou, acabou também se tornando um outro trabalho. Então, dessa forma, todos esses acontecimentos ao meu redor, o passado e o futuro dentro de um presente, uma "duração", também são estranhos mundos próximos. Um amanhã de incertezas.

2) Por falar em intimidade, as obras mostram os rostos retratados grandes, próximo de quem os vê. Seria uma forma de apresentar como o trabalho familiar?

Sim. Pensei em explorar todos os tamanhos possíveis no “retratar” sobre a tela. Desde a miniatura até o rosto bem ampliado, maior que meu corpo. As figuras de corpo inteiro também, que já eram mais comuns no meu trabalho. É a primeira vez que mostro esses grandes rostos e esses pequenos rostos. Quis explorar essa possibilidade e de alguma maneira pensar sobre a proximidade, no sentido de tempo e de espaço.

3) Em sua exposição “Provocando o Infinito” (2014) você mostrou objetos que se relacionavam à questão do tempo cronológico. Uma noção de tempo que é, de certa forma, transgredida em sua atual exposição? (Além dessa resposta direta, seria interessante se discorresse aqui sobre noção de espaço-tempo em seus trabalhos em geral).

Legal você trazer a última exposição porque é tudo um contínuo. Esse estranho mundo próximo é o próximo no sentido do que virá ou do que passou e também no sentido de estar perto, como as pessoas são próximas, semelhantes. Ou seja, é espaço e tempo.

A morte é também um dos assuntos e um estranho mundo próximo a todos, está no passado, no presente e no futuro de nossas vidas. Os retratos têm essa ligação profunda e fundamental com a história do homem e sua relação com a morte.

4) De toda forma, os retratos parecem evocar um sentimento nostálgico, uma espécie de trajetória existencial do sujeito. Algo que se reverbera em tons de tristeza. (Comente, por favor, a pertinência ou não desta frase em relançar à exposição. Se for pertinente, fale um pouco da relação entre nostalgia e família).

Os retratos são um mistério. Entendo esse sentimento de tristeza e nostalgia que diz, mas penso mais em tom de mistério, indagação. É porque geralmente carregar ou guardar a fotografia de alguém é de alguém que já se foi, não é, mórbido talvez? É trazer essa pessoa à vida ou a presença novamente toda vez que a olha. É mágico, sempre foi, antigamente mais, é claro. Mas ao mesmo tempo, carregamos o retrato do namorado, dos filhos, na carteira e isso nos dá alegria, companhia.

Bem, eu quando pequena morria de medo dos retratos pintados e fotografias antigas que sempre ocuparam as paredes de casa. Não conseguia parar de olhar e ao mesmo tempo morria de medo. Temos estranhas atrações. E muitas vezes algo nos é estranhamente familiar.

5) Assim como outras exposições assinadas por você, “Estranho Mundo Próximo” é múltipla por congregar além de pinturas outros objetos, como instalação e caixas. Seria essa complementariedade um traço de seu trabalho como artista plástica? (Se possível, discorra sobre como essa agregação de suportes contribui, em geral, para suas mostras e quando surge/como a vontade de usá-la. Seria parte do processo de criação das obras ou isso acontece na fase de montagem?)

Sempre pintei mas também desenhei, fiz gravuras, objetos, coisas e rascunhos. E pretendo cada vez mostrar mais tudo junto. Gosto dessa idéia. Não sei se é um traço ou será, mas é uma vontade sim. Eu produzo muito, em excesso, sempre fui assim. É uma compulsão. Desde letras de música, objetos, projetos de instalações, cenários, artes gráficas de discos e livros, desenhos até pinturas. Cada imagem que se faz pode ter inúmeros desdobramentos então por que não desdobrá-la? Adoro quando um detalhe de uma pintura ou um desenho viram a capa de um disco ou quando as fotos de um trabalho viram outro trabalho ou um cenário.

Geralmente quando penso na exposição escolho o grupo de trabalhos que comporão bem o conjunto. Às vezes vêm trabalhos de momentos diversos. Varia. Conto com ajuda e opiniões de amigos, artistas e curadores, peço muita opinião.

6) A transversalidade dentro da seara artística, em geral, é recorrente; no entanto, não deixa de ser singular para cada artista. No seu caso, como a Leonora compositora/cantora se mistura com a Leonora artista plástica?

É mesmo comum, cada vez mais.

Tento levar as duas coisas como uma só mas são processos bem diferentes e têm demandas particulares. Não é simples e muitas vezes as realidades se batem e eu tenho que escolher.

A cobrança de ambos os lados é grande também. Sinto que deveria estudar mais música, tocar algum instrumento além do canto, mas não dá tempo. Corro muito para conseguir realizar as duas coisas, sendo que não são só as duas coisas que faço. E depois que me tornei mãe ficou muito mais apertado.

A pintura e as artes plásticas continuam sendo a prioridade, onde ocupo mais o meu tempo, como sempre foi, dou aulas de pintura, fiz mestrado em artes visuais, enfim, é mais constante.

A música é uma necessidade e uma companheira que estou também sempre estudando e buscando aprender.